



HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL E TRABALHADORES EXTRATIVISTAS NO ACRE: ALGUNS APONTAMENTOS

Lucilene Ferreira de Almeida ^{1,2*}

¹Professora da Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio Branco, Acre, Brasil;

²Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil. *lulucageo@gmail.com

Publicado em 2005, n.5-6, p.155-165. Republicado em dezembro de 2019

DOI:

RESUMO

Faço aqui alguns apontamentos sobre os trabalhadores extrativistas no Acre, procurando relacionar alguns momentos de suas trajetórias de luta, à história social do trabalho, tomando para esta discussão alguns autores que discutem militância e luta de classe e temporalidade e vida do trabalho.

Palavras-chave: História Social do Trabalho. Trabalhadores extrativistas. Acre.

SOCIAL HISTORY OF THE WORK IN BRAZIL AND WORKERS EXTRATIVISTAS IN THE ACRE: SOME NOTES

ABSTRACT

I make here some notes on the extractivists workers in the Acre, looking for to relate some moments of its trajectories of fight, to the social history of the work, taking for this quarrel some authors who argue militancy and fight of classroom and temporality and life of the work.

Keywords: Social history of the Work. Extractivists workers. Acre.

HISTORIA SOCIAL DEL TRABAJO EN BRASIL Y TRABAJADORES EXTRATIVISTAS EN EL ACRE: ALGUNAS NOTAS

RESUMEN

Tomo aquí algunas notas sobre los trabajadores extractivistas en el Acre, buscando relatar algunos momentos de sus trayectorias de lucha, con la historia social del trabajo, tomando para esta disputa algunos autores que argumentan la militancia y la lucha del aula y la temporalidad y la vida. del trabajo.

Palabras clave: Historia social del trabajo. Trabajadores extrativistas. Acre.

(...). A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiências de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (...). (Silva, 2001:277)

1. INTRODUÇÃO

Produzi este texto a partir das aulas da disciplina História Social do Trabalho no Brasil, ministrada pela professora Eda Maria Góes, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista – Unesp. A princípio pensei, como aquela disciplina poderia me ajudar com meu projeto de mestrado, que trata de questões ligadas à Geografia Política e à Geografia Histórica. Bem, pensei, e o que pensei foi o que expus no primeiro dia de aula. Aquela disciplina poderia me ajudar pois iria desenvolver meu projeto numa área que foi apropriada, em sua maioria, por trabalhadores expropriados de suas regiões de origem, regiões Sul e Sudeste, com excedente de mão-de-obra e de pessoas excluídas da posse de terra. Pessoas que passam a se apropriar de áreas às margens da rodovia BR-364 ao longo de Rondônia, até chegarem ao Acre. Vinham, portanto, em busca, principalmente de trabalho e terra. Talvez, esse movimento migratório faça parte de suas lutas enquanto trabalhadores expropriados do trabalho e da terra. A ligação que fiz, a priori, entre disciplina e projeto foi esta.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Ao longo da disciplina construí, desconstruí e reconstruí muitas coisas que foram sendo produzidas durante alguns poucos anos de estudo e pesquisa. Durante as discussões nem sempre foi possível reportar-me ao meu projeto de mestrado, à minha pesquisa, mas certamente consegui fazer muitas conexões com fatos ocorridos ou que ainda ocorrem no Acre e também na Amazônia, principalmente os relacionados com a classe de trabalhadores extrativistas e agricultores.

A disciplina História Social do Trabalho no Brasil, discute a história dos trabalhadores, como estes se organizaram e se organizam para conquista de seus objetivos de luta, enfim, discute o mundo do trabalho. Daí fazerem parte da disciplina os temas como movimentos

sociais, classe, consciência de classe, centralidade do trabalho, crise do trabalho e do movimento operário, entre outros.

Foi interessante viajar pela história do movimento operário inglês, pelo cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro, pelo movimento operário no Brasil, entre outros e os diversos acontecimentos que marcaram e contribuíram para impulsionar ou reprimir os movimentos sociais. Foi fascinante reportar-me aos trabalhadores na Amazônia a partir dessas discussões e compreender melhor, ou mesmo passar a ter um outro olhar sobre ou sob essas questões. Houve ao longo da disciplina algumas discussões que certamente impulsionam muitos debates e me fizeram refletir.

A partir da disciplina, tomo como base para fazer alguns apontamentos sobre os trabalhadores extrativistas no Acre, os textos de Sérgio Silva, algumas observações sobre classe e “falsa consciência” – neste são discutidos alguns conceitos centrais sobre a luta de classes, a militância no mundo do trabalho; de E. P. Thompson, *Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional* – especificamente o capítulo 6, *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. Aqui ele verticaliza a temporalidade do trabalho, a partir das mudanças na percepção do tempo, o tempo da natureza e o tempo do relógio, e como isso interfere na vida do trabalho; e pó fim, de Edgard De Decca, 1930: *o silêncio dos vencidos*.

Os grupos que se organizam por terem um interesse em comum, se caracterizam, principalmente pelas suas formas de luta, ou seja, modo como se manifestam para atingir um alvo, um objetivo. Aqui está intrínseco a realidade contraditória entre a dualidade forças produtivas e relações sociais, onde estão em jogo os interesses dos capitalistas e dos trabalhadores, dualidade está sempre presente nos movimentos de trabalhadores.

No texto sobre a peculiaridade dos ingleses, a partir de E. P. Thompson, algo chama atenção, “primeiro ocorre a luta, no meio desta é que se tem, se cria uma consciência de classe”. O texto reporta-se a luta de classes dos operários ingleses, vista como condição e não como resultado da industrialização. Com isso a luta de classes cria condições para transformações significativas no espaço.

Trazendo isso à minha realidade amazônica, passo a analisar, a partir de dois importantes momentos da fronteira acreana. Um primeiro, trata do momento em que a atividade extrativista da borracha passa a comandar a vida, não só econômica, mas cultural, social e política, marcado pela relação semiescrava nos seringais, onde as relações de trabalho baseavam-se num sistema de dependência, onde o Capital Internacional financiava as Casas Aviadoras, que financiava os seringalistas, que mantinham como força de trabalho, o

seringueiro. Thompson (1998), abordando sobre tempo e disciplina de trabalho, fez-me remeter a esse momento. Sendo que aqui, não se trata de uma percepção de tempo pré e pós criação do relógio. O seringueiro era impedido de desenvolver qualquer outra atividade que “ocupasse seu tempo”, que deveria ser totalmente dedicado a extração e produção da borracha, por dois motivos. Primeiro, uma maior utilização do tempo significativa maior produção, mesmo que não houvesse uma forma de controlar esse tempo. O seringalista fazia com que o seringueiro tivesse uma disciplina do tempo, a partir do discurso que sua maior produtividade o tiraria do endividamento com o patrão. Com isso, a maioria trabalhava mais de doze horas por dia para conseguir se libertar das dívidas. O seringueiro se orientava pelas tarefas, pelas atividades que desenvolvia e nisso, como afirma Thompson (1998:271).

[...] na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa e não há grande senso de conflito entre o trabalho e “passar do dia”. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência.

Um segundo motivo era que, qualquer produção feita em sua colocação o deixaria menos dependente das mercadorias vendidas pelo seringalista. Esse elo de dependência e endividamento do seringueiro começa a sofrer alterações quando, não coletivamente, os seringueiros passam a tentar ludibriar seus patrões tanto na produção de alimentos na colocação (trabalhando na agricultura), quanto na venda das pelas de borracha. Introduziam nestas, algo que as tornassem mais pesadas, aumentando seu peso e conseqüentemente, seu valor.

Nesse momento não se tem um movimento coletivo contra esse sistema, contra a exploração trabalhista, mas acredito que mesmo assim, a partir desse momento já começa a ser criado nos seringueiros uma consciência de classe, mesmo que nesse momento ainda não se organizem em expressivos grupos, mas há uma comunicação que os unem nessa luta. Não seria isso o início de uma militância, de uma luta?

A classe é vista como uma categoria histórica, que deriva de processos sociais através do tempo. Não representa na prática uma categoria estática. Não seria este momento o início de uma classe de trabalhadores?

Sobre isso diz Silva (2001:274):

[...], para mim, as pessoas se veem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.

Acredito que os seringueiros, vivendo por meio de relações de produção, passam a ter uma consciência do antagonismo que essa relação vem reafirmar. A partir daí se inicia uma consciência de classe.

Os acontecimentos posteriores confirmam que o seringueiro se une, se agrupa para se defender do sistema de aviamento. Com as crises na economia gumífera, o seringueiro vai conseguindo autonomia enquanto posseiro e também produtor agrícola, já que os seringalistas semi abandonam seus seringais pela queda do valor da borracha do mercado internacional. Essa autonomia que não ocorre com a mesma intensidade em todos os seringais, não ocorre primordialmente por um movimento, por uma mobilização dos seringueiros, mas por questões de cunho econômico, porém representam, de um lado, uma quebra no sistema de aviamento, tornando muitos seringueiros posseiros das terras dos seringalistas, mas por outro lado, representava uma falência da atividade extrativista, motor da economia do estado.

Num segundo momento, mais expressivo quanto a organização coletiva, se dá a chegada da fronteira agropecuária acreana, marcada pela vinda de migrantes, principalmente do centro-sul do Brasil, atraídos, sobretudo pelos preços baixos das terras no estado. Através de propagandas e incentivos governamentais, a implantação de uma outra atividade que reativasse a economia acreana, no caso a pecuária, estava se iniciando. Vamos ter nesse momento, a maior expressão local de movimento social: os trabalhadores extrativistas. Seringueiros, que a princípio “lutaram” contra a dominação do seringalista, agora lutam contra a derrubada da floresta para a implantação de pasto. Tendo como principais articuladores desse processo, os grandes e médios fazendeiros.

Nesse momento há uma intensa articulação entre os seringueiros e o surgimento de movimentos organizados, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, existente na maioria dos municípios onde o conflito estava mais presente. Os seringueiros se tornam uma classe, onde suas lutas se articulam não mais contra um patrão, mas contra os que querem desestruturar

através dos desmatamentos e das queimadas, a floresta, que representa o meio de reprodução para os que nela vivem.

É aí que vamos ter constantes conflitos entre seringueiros e fazendeiros. Conflitos que tinham como campo de luta os espaços dos antigos seringais, agora com novos donos. Seringueiros se enfrentam agora com os fazendeiros e seus peões.

Essa luta também se dava nos encontros organizados nas cidades pelos sindicatos, para articularem como, onde e quando deveriam agir para impedirem a derrubada da floresta. Estes conflitos ficaram conhecidos na região como empates.

[...]. Na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente (Silva, 2001:277).

Acredito então que temos nesse momento, a concretização de uma classe, tendo o início de sua formação ainda na fronteira extrativista.

A década de 1970 tem, portanto, uma importância quanto ao fortalecimento do movimento dos trabalhadores extrativistas no Acre. De Decca (1986), aponta o final da década de 1970, no Brasil, como a irrupção de movimentos operários e populares, que passam a emergir com autonomia, independentes do Estado. A afirmação de uma identidade leva esses movimentos a discutirem o trabalho e a vida. No Acre essa militância, que ganha força nesse período, busca também trazer para suas discussões interesses por novas conquistas, que se concretizam, como as Reservas Extrativistas (RESEX) e os Projetos de Assentamento Extrativistas. Sendo que, ainda há muito a se conquistar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje considero que há uma identidade, que há uma classe de trabalhadores que continuam lutando por seus objetivos, mesmo que, como mostra a história, os lados antagônicos dessa relação e muitas formas de luta tenham se modificado ao longo dos tempos, ficando presente a todos que ainda prevalece a dominação das relações sociais sobre as forças produtivas, definindo assim, as relações capitalistas. Isso foi notável no operariado inglês e o é nos trabalhadores brasileiros, aqui representados pelos trabalhadores extrativistas acreanos.

4. REFERÊNCIAS

DE DECCA, **Edgard, 1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 31-38.

SILVA, Sérgio. **Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”**. In: NEGRO, L. e

SILVA, Sérgio (orgs). **E. P. Thompson: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: **Edunicamp**, 2001, p. 269-281.

THOMPSON, E. P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial**. In: ___. **Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1998, p. 267-304.